

Caminhos dos estudos sobre *migração: trânsitos,* *{des}territorialidades e* *interculturalidade*

Roseli Cunha

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Ana Ruiz

Universidad Autónoma de Madrid (UAM)

Mauro Mamani

Universidad Nacional Mayor San Marcos (UNMSM)

A obra do crítico literário peruano Antonio Cornejo Polar (1936-1997), mais especificamente o artigo “Una heterogeneidad no dialéctica: sujeto y discurso migrante en Perú moderno”, de 1996, foi um dos motes que nos levaram a pensar a proposta para este dossiê intitulado “O discurso migrante na Literatura. Literatura e migração: a(s) língua(s) do migrante”, apresentado na *Revista Entrelaces*. O tema parece-nos bastante desafiador atual, uma vez que aborda o deslocamento de pessoas que deixam sua terra para instalar-se em outra, levando consigo tudo o que isso significa: costumes, usos, rituais, comidas, formas de viver, modos de expressão e línguas, mas também nessa trajetória assimilando novas formas de vida.

A produção do conterrâneo José María Arguedas (1911-1969) é um dos principais objetos de estudo de Cornejo Polar ao longo de sua trajetória acadêmica. Uma das obras que o levaram a explorar suas hipóteses sobre o sujeito e o discurso migrante foi *Los ríos profundos* (1958). Nessa obra os personagens centrais estão em permanente movimento, tal como ocorre com o pai de Ernesto, um advogado do interior das serras peruanas, e com o menino até sua chegada ao internato.

Recordemos no romance de Arguedas o momento em que o personagem principal e narrador, chega a Cusco. Apesar de longo, o fragmento é bastante significativo para entender o raciocínio de Cornejo Polar.

Me acordé, entonces, de las canciones quechuas que repiten una frase patética constante: “yawar mayu”, río de sangre; “yawar unu”, agua sangrienta; “puk-tik’ yawar k’ocha”, lago de sangre que hierve; “yawar wek’e”, lágrimas de sangre. ¿Acaso no podría decirse “yawar rumi”, piedra de sangre, o “puk’tik yawar rumi”, piedra de sangre hirviente? Era estático el muro, pero hervía por todas sus líneas y la superficie era cambiante, como la de los ríos en el verano, que tienen una cima así, hacia el centro del caudal, que es la zona temible, la más poderosa. Los indios llaman “yawar mayu” a esos ríos turbios, porque muestran con el sol un brillo en movimiento, semejante al de la sangre. (ARGUEDAS, [1958] 1998, p.144)

A partir do trecho citado, o crítico peruano elabora a seguinte reflexão:

Es claro que el migrante adolescente que opera como narrador-personaje de la novela concentra pero no sintetiza en su discurso dos experiencias, una pasada y otra presente. De hecho actualiza dos idiomas, quechua y español; dos tecnologías comunicativas, la oral y la escrita; dos géneros artísticos, la canción y la novela; y de alguna manera, pero la relación podría continuar, ejercita dos sistemas culturales distintos. (CORNEJO POLAR, [1996] 2013, p. 106)

O deslocamento de Ernesto não se dá apenas espacial ou temporalmente; podemos dizer, seguindo o crítico, que ele migra de uma cultura a outra. Há um trânsito do personagem-narrador por entre as culturas ocidental, peruana/*criolla* ou miscigenada onde prevalecem elementos da cultura branca ocidental e outra, indígena/serrana, também miscigenada, mas onde prevalecem os elementos da cultura originária. Ernesto não as sintetiza, coloca-as lado a lado em sua fala: recupera experiências de seu passado e as de outros, adquiridas pelo que lhe contaram. Podemos levar adiante esse pensamento em relação ao autor, Arguedas. No romance estão presentes os dois idiomas conhecidos (espanhol na variante peruana e a língua indígena-quíchua), duas tecnologias comunicativas (a escrita e a oral) e dois gêneros literários (os *huaynos* e o romance).

Haveria tanto na fala de Ernesto quanto na escrita do romance de Arguedas a coexistência de dois modos de pensar ou duas cosmovisões – como denomina Ángel Rama em *Transculturación narrativa en América Latina* (1982) (obra elaborada tendo especificamente *Los ríos profundos* como foco de estudo). Não apenas a visão de mundo de vertente ocidental (espanhol escrito na variante peruana em um romance) ganha visibilidade no presente, mas também a indígena ou serrana (oralidade da língua indígena-quíchua nos *huaynos* e nas palavras e expressões inseridas no romance). Então, segundo a teoria de Rama (1982), essa cultura não teria sido perdida, morta ou congelada no

passado, teria sido “transculturada” ou, segundo palavras de Cornejo Polar (CORNEJO POLAR, [1996] 2013, p.106), teria sido “atualizada”.

Arguedas e seu alter ego, Ernesto, vivenciam o deslocamento e seriam exemplos de um “sujeito migrante”, aquele que leva consigo a cultura de seu lugar e a coloca em paralelo a outra em outro lugar, reatualizando-a.

Contrariando a ideia de síntese proposta por Rama (1982), a qual acreditamos estar inserida em um contexto bastante específico das décadas de 1960 e 1970 na América Latina (CUNHA, 2007), que entende *Los ríos profundos* como o caso paradigmático de uma transculturação narrativa harmoniosa e homogeneizadora, o crítico arequipano (que escreve o artigo com mais distanciamento temporal e ideológico daquela época), nos anos 1990, enfatiza a ambiguidade e o descentramento.

O deslocamento entre culturas evidenciado por Cornejo Polar em relação ao personagem-narrador Ernesto pode ser percebido em Arguedas. No discurso intitulado “No soy un aculturado...” proferido ao receber o prêmio Inca Garcilaso de la Vega, em 1968 (e incorporado ao seu último romance *El zorro de arriba y el zorro de abajo*, publicado postumamente em 1971), ele se define como pertencente tanto à cultura ocidental quanto à indígena:

[...] yo soy un peruano que orgullosamente, como un demonio feliz habla en cristiano y en indio, en español y en quechua. Deseaba convertir esa realidad en lenguaje artístico y tal parece, según cierto consenso más o menos general, que lo he conseguido. (ARGUEDAS, [1971] 1996, p.257)

Tal afirmação leva a verificar que a síntese entre as culturas envolvidas, tal qual Rama assinala em Ernesto e ao longo do romance, parece ser também um anseio de Arguedas. Afinal, ele seria um “diabo feliz” que desejava “converter essa realidade para linguagem artística”. Talvez o discurso tente passar a impressão de algo bem resolvido, apaziguado tanto no plano pessoal quanto da produção intelectual do autor, mas sabemos, e então é impossível não se fazer remissão à trágica morte de Arguedas, que sua trajetória acadêmica, literária e pessoal esteve longe de ser feliz e plena. Constatação essa que, a nosso ver, compromete, de certo modo, uma síntese harmoniosa. Por isso, acreditamos que Cornejo Polar, ao defender sua hipótese, sublinhe o fato de Ernesto se expressar a partir das duas culturas sem indicar uma síntese:

[...] lo que me interesa poner de relieve es la actuación de un sujeto que maneja una pluralidad de códigos que pese a ingresar en un solo rumbo discursivo no

sólo no se confunden sino que preservan en buena parte su propia autonomía. El narrador personaje habla sin duda desde dos espacios. (CORNEJO POLAR, [1996] 2013, p. 106)

Portanto, falar a partir de dois espaços, no caso de Ernesto, ou escrever a partir de dois espaços, como Arguedas, não necessariamente leva a um trânsito harmonioso e remete a uma síntese. Recordemos a inquietação expressa nas cartas direcionadas a amigos, muitos deles escritores, e à sua psicanalista e incorporadas a *Los ríos profundos*. Nelas percebemos o anseio de alguém que desejava pronunciar-se a partir de duas culturas, de dois lugares. Esse posicionamento gerava uma inquietação que também pode ser percebida em outras pessoas. Talvez fosse isso que incomodasse Arguedas e seus pares, a necessidade que ele sentia de falar a partir de mais de um lugar, ou ainda se possa dizer, da perspectiva do autor, a impossibilidade de não se pronunciar a partir desses dois espaços. E, então, o anseio pela síntese. Mas na época, como acadêmico e autor, estava fadado a se questionar e a ser questionado em relação a isso. Ele se percebe no impasse que o fez levar a própria vida à ficção ao terminar seu último romance com o relato do planejamento e o desenlace trágico do suicídio.

Cornejo Polar, conhecendo muito bem Arguedas e sua obra (mas, claro, tendo outras obras e autores como referências, conforme expõe em seu artigo), pôde elaborar o que chama de hipótese primária: “el discurso migrante es radicalmente descentrado, en cuanto se construye alrededor de ejes varios y asimétricos, de alguna manera incompatibles y contradictorios de un modo no dialéctico [...]” (CORNEJO POLAR, [1996] 2013, p. 104) para mais adiante completar: “considero que el desplazamiento migratorio duplica (o más) el territorio del sujeto y le ofrece o lo condena a hablar desde más de un lugar. Es un discurso doble o múltiplemente situado.” (CORNEJO POLAR, [1996] 2013, p. 104-105).

Como já dissemos, não apenas a obra de Arguedas alimenta as ideias sobre o sujeito e discurso migrantes. Cornejo Polar toma como exemplo *La tía Julia y el escribidor* (1977), de Mario Vargas Llosa, e afirma ter o propósito de explorar a pertinência e a efetiva validade da categoria de “migração e seus derivados”, uma vez que

Tengo para mí que a partir de tal sujeto, y de sus discursos y modo de representación, se podría producir una categoría que permita leer amplios e importantes segmentos de la literatura latinoamericana – entendida en el más amplio de sus sentidos – especialmente los que están definidos por su radical heterogeneidad. (CORNEJO POLAR, [1996] 2013, p.99)

Mas o atento crítico observa que o deslocamento por entre distintos espaços poderia acontecer com maior liberdade de trânsito em produções fora do âmbito da literatura canônica. Toma como referência a obra *Representación oral de las calles de Lima*, elaborada por Biondi e Zapata, em 1994. Nela os pesquisadores analisam performances apresentadas por artistas itinerantes nas ruas da capital peruana. Ainda que fazendo ressalvas em relação às peculiaridades das apresentações, entre outros motivos pelo fato de os autores/produtores precisarem da empatia e interação direta com o público, Cornejo Polar assinala as “oscilaciones de identidad del emisor” (CORNEJO POLAR, [1996] 2013, p. 107).

Ele explica que os artistas mudavam, em suas performances, de identidade discursiva. Apresentavam-se como *criollos* em oposição a provincianos, ou seja, limenhos; serranos, *serranazos* em oposição a denominações menos específicas, mas pejorativas, como “estos merdas”, porém sem que tanto *performers* quanto público tivessem algum constrangimento.

Entretanto, é preciso não perder de vista que estamos em outro momento, não mais na década de 1960, quando Arguedas escreve seus últimos romances. E em outro âmbito, fora do ambiente da literatura canônica, escrita e do meio acadêmico. Estamos em meio à oralidade produzida em um espaço aberto e público, diante de efetivas performances.

A esses autores/*performers*, em tais condições é permitida a oscilação de identidade que a Arguedas, de certa forma, se vetou. Mais que oscilação, haveria uma fragmentação da identidade do emissor. Haveria uma dramatização da condição de sujeito e do discurso migrantes em um discurso igualmente migrante.

Diante dessa reflexão a partir da obra de Arguedas em contraposição a outras produções, algumas bastante distintas de suas condições e propostas de criação, Cornejo Polar finaliza o artigo deixando em aberto uma reflexão que procuramos levar adiante:

Naturalmente habría que profundizar el tema, pero no deja de ser atractivo relacionar las variadas figuraciones y discursos del sujeto migrante, y sus diversas estrategias representativas, con este ir y venir de la metonimia: tal vez en la deriva del curso metonímico el migrante encuentre lugares desiguales desde los que sabe que puede hablar porque son los lugares de sus experiencias. Serían las voces múltiples de las muchas memorias que se niegan al olvido. (CORNEJO POLAR, [1996] 2013, p. 109)

Igualmente instigante e desafiadora para nossa reflexão sobre o discurso migrante é a obra de Franz Kafka (1883-1924) e a leitura que dela apresentam Gilles

Deleuze (1925-1995) e Félix Guattari (1930-1992), em *Kafka. Por uma literatura menor* (1975). Desse estudo tomaremos especialmente o capítulo “A literatura menor”.

Ao se debruçarem sobre a produção do escritor, afirmam que o “problema da expressão” não seria colocado por Kafka de uma maneira abstrata universal, e sim em relação às chamadas “literaturas menores”. Mas alertam:

Uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior. No entanto, a primeira característica é, de qualquer modo, que a língua aí é modificada por um forte coeficiente de desterritorialização. (DELEUZE; GUATTARI, [1975] 1977, p. 25)

O autor tcheco-alemão também evidenciaria em sua obra algumas características de uma literatura menor. São elas: a desterritorialização da língua, a ramificação do individual no imediato-político e o agenciamento coletivo de enunciação.

A primeira seria consequência de “impossibilidades” em relação à literatura e à língua na qual se produzia. A “impossibilidade de não escrever” se daria porque a consciência nacional, ao ser oprimida ou colocada em um condição de incerteza, passaria necessariamente pela literatura, impulsionando o autor a criar. Outra, a “impossibilidade de escrever em outra língua sem ser em alemão”, ocorreria porque, por exemplo, aos judeus de Praga isso proporcionaria o sentimento de uma distância irreduzível em relação a uma territorialidade primitiva, a tcheca. E haveria ainda a “impossibilidade de escrever em alemão”, que seria a desterritorialidade da própria população alemã, de uma minoria opressora que fala uma língua afastada das massas, o que ele denomina uma linguagem artificial, “de papel”. Nesse caso, os judeus, apesar de fazerem parte dessa minoria, estavam dela excluídos. Diante de tal pensamento, chega-se à conclusão de que “o alemão de Praga é uma língua desterritorializada própria a estranhos usos menores.” (DELEUZE; GUATTARI, [1975] 1977, p. 26)

A segunda característica das literaturas menores seria o fato de que nelas tudo acabaria sendo político, ao contrário do que aconteceria nas ditas grandes literaturas. Cada caso individual seria ligado à política e “[...] se torna então mais necessário, indispensável, aumentado ao microscópio, na medida em que uma outra história se agita nele.” (DELEUZE; GUATTARI, [1975] 1977, p. 26).

A terceira característica, que nos parece estar relacionada diretamente à segunda, é de que tudo nessa literatura adquiriria um valor coletivo. Segundo os filósofos, para Kafka, por não haver tantos talentos em uma literatura menor, não existiriam condições de uma enunciação individualizada – o que para ele não chega a ser um

problema. Pelo contrário: representaria mesmo uma vantagem, pois levaria à imposição de um mestre a ser seguido.

Não haveria uma voz suficientemente forte para separar-se da enunciação coletiva e com isso ocorreria uma contaminação de todo o enunciado pelo campo político. Isso porque “o que o escritor sozinho diz, já constitui uma ação comum, e o que ele diz ou faz, é necessariamente político, ainda que os outros não estejam de acordo.” (DELEUZE; GUATTARI, [1975] 1977, p.27)

Seguindo Kafka, afirmam que “mesmo aquele que tem a infelicidade de nascer no país de uma grande literatura, deve escrever em sua língua, como um judeu tcheco escreve em alemão, ou como um usbeque escreve em russo.” (DELEUZE; GUATTARI, [1975] 1977, p.28). E então o termo “menor” não seria um modo de qualificar certas literaturas, mas sim as condições “revolucionárias” de toda literatura inserida na chamada “grande” ou “estabelecida”.

Essa afirmação e os questionamentos lançados pelos filósofos franceses permitem reflexões bastante motivadoras:

Quantas pessoas hoje vivem em uma língua que não é delas? Ou então nem mesmo conhecem mais a delas, ou ainda não a conhecem, e conhecem mal a língua maior da qual são obrigadas a se servir? Problema dos imigrantes, e sobretudo de seus filhos. Problema das minorias. Problemas de uma literatura menor, mas também para todos nós: como arrancar de sua própria língua uma literatura menor, capaz de escavar a linguagem e de fazê-la seguir por uma linha revolucionária sóbria? Como tornar-se o nômade e o imigrado e o cigano de sua própria língua? Kafka diz: roubar a criança no berço, dançar na corda bamba. (DELEUZE; GUATTARI, [1975] 1977, p.30)

Somente por meio do exercício de escrever a partir de uma língua considerada menor em relação a uma considerada maior a literatura se tornaria “máquina coletiva de expressão” e teria com a língua uma relação de desterritorialização múltipla. Os exemplos são tanto em relação à situação dos judeus que abandonaram o tcheco ao mesmo tempo que saíam do meio rural quanto à de pessoas que falavam a língua alemã como “linguagem de papel”, o que se pode entender como uma língua mais próxima da escrita.

Seria possível levar adiante tal movimento de desterritorialização na expressão de duas maneiras. Uma delas seria enriquecendo artificialmente a língua alemã, inflando-a com recursos de um simbolismo, de um sentido esotérico e de um significante oculto que a levaria a uma reterritorialização simbólica, a qual eles relacionam à escola de Praga e ao autor Gustav Meyrink (DELEUZE; GUATTARI, [1975] 1977, p. 29). Kafka cria um segundo caminho, tomar a língua alemã de Praga “[...] tal como ela é, em

sua própria pobreza” (DELEUZE; GUATTARI, [1975] 1977, p. 29). Fazendo ressaltar ainda mais a desterritorialização, uma vez que

[...] o vocabulário está dissecado, fazê-lo vibrar em intensidade. Opor um uso puramente intensivo da língua a todo uso simbólico, ou mesmo significativo, ou simplesmente significante. Chegar a uma expressão perfeita e não formada, uma expressão material intensa. (DELEUZE; GUATTARI, [1975] 1977, p. 29-30)

A invenção de Kafka, segundo os autores, só seria possível a partir dessa “língua dissecada” que era a língua alemã em Praga, uma língua misturada ao tcheco e ao ídiche (DELEUZE; GUATTARI, [1975] 1977, p. 32). Para explicar suas ideias, tomam em colaboração “De la véhicularité de la langue anglaise” em *Langues modernes* (1972), no qual Henri Gobardi elabora o modelo tetralinguístico no qual a cada tipo de língua corresponderia uma categoria espaço-temporal (p. 36), eles alertam que a distribuição dessas línguas varia de um grupo para outro e, para um mesmo grupo, de uma época a outra.

A primeira a ser apresentada é a língua vernácula, também chamada de materna ou territorial, de comunidade rural ou de origem rural. A ela se relacionaria a categoria espaço-temporal do “aqui”. A segunda, a língua veicular, urbana, estatal ou mundial, língua de sociedade de troca comercial, de transmissão burocrática e seria a língua de primeira desterritorialização, correspondendo-lhe a categoria espaço-temporal “em toda parte”. A língua referencial, língua do sentido e da cultura operaria uma reterritorialização cultural e a ela corresponderia a categoria espaço-temporal “lá”. E, por fim, a língua mítica, no horizonte das culturas e de reterritorialização espiritual ou religiosa. A categoria espaço-temporal correspondente seria “além”.

Outra ressalva é a de que “o que pode ser dito em uma língua não pode ser dito em outra, e o conjunto do que pode ser dito e do que não pode ser varia necessariamente segundo cada língua e as relações entre essas línguas”. (DELEUZE; GUATTARI, [1975] 1977, p. 37)

E, pensando no caso de Kafka, observam a situação na qual tanto o autor quanto os judeus de Praga se encontravam em relação às “quatro línguas”. Para os judeus provenientes dos meios rurais a língua vernácula era o tcheco, que tendia, porém, a ser esquecido e recalcado, assim como o ídiche era ao mesmo tempo desprezado e temido. Kafka era um dos poucos autores judeus que compreendiam e falavam tcheco. O alemão era a língua veicular das cidades, a língua burocrática do Estado, língua comercial de troca. Por sua vez, o alemão literário – ou, como eles chamam, “de Goethe” – teria uma

função cultural e referencial. Kafka transitava bem no alemão tanto como língua veicular como cultural/referencial. O hebraico era a língua mítica. Essa Kafka teria aprendido mais tarde.

Para eles, mais complicada era a relação de Kafka com o iídiche. Haveria “menos uma espécie de territorialidade linguística para os judeus do que um movimento de desterritorialização nômade que trabalha o alemão” (DELEUZE; GUATTARI, [1975] 1977, p. 29). Seria uma “língua enxertada no médio alto-alemão, e que trabalha o alemão tão de dentro que não se pode traduzi-la para o alemão sem aboli-la; só se pode compreender o iídiche ‘sentindo-o’, e com o coração” (DELEUZE; GUATTARI, [1975] 1977, p. 39)

Com isso, os filósofos concluem que Kafka não se orienta em direção a uma reterritorialização pelo tcheco. Nem em direção a um uso hipercultural do alemão, com características oníricas, simbólicas e míticas, mesmo que hebraizantes, tal como se observa na escola de Praga. Tampouco se orienta em direção a um iídiche oral e popular. E o caminho que o iídiche indica, ele o toma de modo totalmente diferente, para convertê-lo em uma escritura única e solitária. Já que o alemão de Praga é desterritorializado por várias razões, sempre se irá mais longe, em intensidade, mas no sentido de uma nova sobriedade e, com isso, se “arrancará” do alemão de Praga “todos os pontos de subdesenvolvimento que ele quer esconder”, empurrando-o a “uma desterritorialização que não será mais compensada pela cultura ou pelo mito, que será uma desterritorialização absoluta, ainda que lenta, colante, coagulada”. A ideia seria “estar em sua própria língua como estrangeiro”. (DELEUZE; GUATTARI, [1975] 1977, p.40-41).

E os filósofos concluem com uma reflexão que pode servir de ensejo não apenas para se repensar a obra do tcheco-alemão mas também outros autores que transitam entre outras línguas:

Servir-se do polilinguismo em sua própria língua, fazer desta um uso menor ou intensivo, opor o caráter oprimido dessa língua a seu caráter opressor, encontrar os pontos de não-cultura e de subdesenvolvimento, as zonas linguísticas de terceiro mundo por onde uma língua escapa [...]. Quantos estilos, ou gêneros, ou movimentos literários, mesmo bem pequenos, só têm um sonho: preencher uma função maior da linguagem, fazer ofertar de serviço como língua do Estado, língua oficial [...]. Ter o sonho contrário: saber criar um tornar-se-menor. (DELEUZE; GUATTARI, [1975] 1977, p. 41-42)

Deste modo, tendo como ponto de partida os artigos de Cornejo Polar ([1996] 2013) e Deleuze e Guattari ([1975] 1977), que se debruçam, respectivamente, sobre as obras de Arguedas e Kafka, mas sem deixar de atentar a outros estudos, uma vez que o

tema se relaciona de modo muito direto com questões que vivenciamos na atualidade, podemos afirmar que

Europa ha entrado en el siglo XXI, siglo que será sin duda de intensísimas migraciones, tambaleándose entre políticas restrictivas, catástrofes humanitarias y mucha incertidumbre. El cambio de signo migratorio producido en España a finales de los noventa parece habernos pillado desprevenidos, a juzgar por todas las veces que se repite en comentarios y opiniones sobre la cuestión, la calificación de “fenómeno nuevo”. (RUIZ, 2005, p. 102)

Esse fluxo migratório e as produções relacionadas a ele se dinamizaram na segunda década do século XXI não só na Europa, mas também na América Latina e, de modo bastante vigoroso, no Brasil. Entretanto, como é enfatizado em “Desterritorialización y literatura. Literaturas de exilio y migración en la era de la globalización” em relação à Espanha e pode ser pensado para outros espaços,

[...] probablemente ninguno de los investigadores que nos ocupamos de la literatura desterritorializada, sea ésta de exilio o de migración económica, calificaríamos de nueva para España la experiencia de desterritorialización. De ahí la relevancia, en un momento histórico como el que vivimos, de las conclusiones de los estudios que sobre ambos corpus literarios se han realizado, aunque éstas todavía no sean definitivas. (RUIZ, 2005, p. 102)

A partir do levantamento de um extenso *corpus* trabalhado de modo interdisciplinar, a autora assinala que os estudos sobre autores da chamada literatura desterritorializada contribuem para que se perceba a “experiência da memória, expressa de forma estética” e, como apontam as pesquisas realizadas, mas ainda em andamento, há uma recuperação da memória histórico-cultural e literária que não se esgota em si mesma. Ela se converte em uma possibilidade de conhecimento sobre a evolução e a viabilidade de identidades interculturais:

Y la virulencia con la que se manifiesta no nos deja duda de la relevancia de la pregunta que la actualidad formula – entre otras instituciones – al canon mismo: ¿son viables – y cómo – identidades interculturales? Dentro de las disciplinas literarias sólo hay un corpus que nos permite indagar en la respuesta: el corpus de la literatura desterritorializada, sea de migraciones económicas, exilios o migraciones proyectos. Probablemente nunca antes la literatura de exilios y migraciones se había manifestado tan relevante para las sociedades de su tiempo. (RUIZ, 2005, p. 110-111)

Ademais da própria tematização da migração ou da vinculação migratória de seus autores, a aproximação ao binômio Literatura e migração do ponto de vista acadêmico, conforme veremos neste número, foi abordada a partir de várias perspectivas metodológicas. Desde aquelas específicas que procuram gerar uma hermenêutica capaz de analisar não apenas a forma de narrar, mas também a interculturalidade da mesma língua na qual se narra, como é o caso da chamada “Literatura intercultural” na Europa

(RUIZ, 2013; 2017), até aquelas que aplicam metodologias de análise crítica do discurso a esse tipo de *corpus*. Como editores, somos conscientes de que essa variedade já exigiria, por si mesma, outro volume.

Diante dessas considerações preliminares, convidamos os leitores à leitura deste dossiê a partir da seguinte subdivisão: primeiramente, “A literatura de viagem como experiência do Outro”; em seguida, “O descobrimento da alteridade: a migração como tema literário da literatura nacional” e, finalmente, “Literatura intercultural: narrar a partir da vivência de desterritorialização”.

Na seção “A literatura de viagem como experiência do Outro”, Rodrigo César Dias, em “Entre ‘rios’: espaço, viagem e identidade em *Imagens do Brasil*, de Karl von Koseritz”, analisa relatos de viagem do jornalista e deputado teuto-alemão, escritos em 1883, e o modo como, ao narrar sua viagem e rememorar seu passado, ele destaca os dois movimentos de comparação estabelecidos pelo viajante. Primeiro, entre os países envolvidos: a Alemanha e Brasil. E, segundo, os “rios” representados: em um eixo geográfico (Rio de Janeiro x Rio Grande do Sul) e em um eixo temporal (Rio de Janeiro do presente x Rio de Janeiro do passado e Rio Grande do Sul do presente x Rio Grande do Sul do passado). Por meio da rememoração de lugares e paisagens que marcaram a experiência do autor, o eu-narrado emerge no discurso do eu-narrador, desvelando algumas das camadas de sua constituição identitária e possibilitando ao leitor breves momentos de navegação por ela.

Do mesmo período histórico, mas tratando do imaginário e do discurso ficcional amazônico, Juliano Fabricio de Oliveira Maltez, em “A Amazônia na ficção de José Veríssimo e Inglês de Sousa”, compara “O crime do tapuio”, de José Veríssimo, e “O gado do Valha-me-Deus”, de Inglês de Sousa, presentes, respectivamente, em *Cenas da Vida Amazônica* (1886) e *Contos Amazônicos* (1893). Maltez afirma que seu objetivo é explicitar o papel da literatura de viagem como possível suporte de correlação para a região amazônica, por meio de uma análise que se detém em compreender como o modelo do discurso científico, hegemônico do século XIX, dedicado ao estudo da natureza e sociedade americanas, tanto por seu caráter de organização de conhecimento, quanto por autoridade acadêmica e pela posição de seu enunciador referencial, serviu à ficcionalização da região.

Na segunda seção, “O descobrimento da alteridade: a migração como tema literário da literatura nacional”, temos estudos que tematizam a migração e o discurso migrante nos territórios peruano e brasileiro.

Rosane Cardoso aborda em “El testimonio de las cosas: la migración andina en *Hombres de mar*”, de Óscar Colchado Lucio. A obra de 2011, que faz parte de uma longa série intitulada “Cholito en los Andes”, seria, segundo Cardoso, uma evidente homenagem de Colchado a seu conterrâneo Arguedas. Nela temos um cenário caótico de línguas e vozes, onde são percebidos, além de vários personagens, muitos narradores e espaços variados, tais como mar, terra, selva, Andes, campo, cidade. Além disso, convivem no romance complexos universos como atividade sindical, prostituição, atividades políticas e estudantis, narcotráfico, entre outros. É nesse ambiente caótico que se deslocam os personagens migrantes da serra e falantes de quíchua para o centro urbano, Chimbote, onde lentamente se apropriam do castelhano.

Em “Narrativas de deslocamento: o lugar para sujeitos migrantes em escritas”, Clélia Gomes dos Santos e Ricardo Martins Valle, tratam do drama do retirante em fragmentos de *Essa terra* (1976), *O cachorro e o lobo* (1997) e *Pelo fundo da agulha* (2006), de Antônio Torres. O tema bastante presente em produções literárias brasileiras desde o regionalismo romântico, perpassa o naturalista do final do século XIX e é reiterado ao final do século XX. Mas também, como enfatizam, nas obras há o drama daqueles que não partem, o descentramento daqueles que, tendo resistido à retirada, sofrem as consequências de sua permanência, sem que isso signifique garantia de pertencimento, uma vez que o mundo se transforma, cada vez mais rápido e vertiginosamente e, com isso, desenraiza mesmo aqueles que ficaram. A prosa contemporânea de Torres apresenta esses dois lados por meio da construção de personagens como sujeitos deslocados que vivenciam experiências de instabilidades e sofrem uma fragmentação identitária e temporal fruto de deslocamentos forçados por situações de ordem social, econômica, cultural.

Na terceira e última seção, “Literatura intercultural: narrar a partir da vivência de desterritorialização”, apresentamos o artigo “Zélia Gattai e Norah Lange: espaços e culturas em deslocamento”, de Regina Simon da Silva e Ramón Diego Câmara Rocha. O estudo parte da produção de Gattai, de origem italiana, que imigrou para o Brasil e quando menina convivia com o dialeto veneziano e com a língua portuguesa; e de Lange, filha de um norueguês e de uma inglesa, que migraram para a Argentina e sua relação com o castelhano e outras línguas aprendidas ainda criança. As autoras relatam o amadurecimento feminino em terras estrangeiras, desde a infância à adolescência, enfrentando dúvidas e medos até o processo de tomada de consciência crítica de seus papéis como mulheres e escritoras no início do século XX. Nessas narrativas de memória,

pode ser percebido o processo de deslocamento cultural, que amplia a visão sobre questões de identidade e evidencia o movimento entre culturas, por meio do qual o projeto estético das autoras se insere na cultura latino-americana.

Também tratando de memória e gênero em um relato sobre migração, Maria das Graças Salgado, em “Gender, Memory, and Emotion in Exile Discourse: Stefan and Lotte Zweig’s everyday life in the tropics”, analisa as últimas cartas de Stefan e Lotte Zweig, escritas quando estavam no Brasil. A autora lança luz sobre questões de gênero, memória e emoção no discurso do exílio nessas cartas que retratam o contexto da guerra, da perseguição aos judeus e a outras minorias e de insegurança generalizada. Entretanto, o artigo enfatiza a questão de gênero presente no relato de Lotte, mulher culta e ativa socialmente, mas que, segundo a autora, não teria tido o devido reconhecimento na sociedade brasileira da época, sendo considerada apenas esposa de um intelectual famoso. O discurso epistolar do casal indica que, embora gostassem do Brasil, tinham grandes dificuldades emocionais no processo de integração à nova sociedade. De todo modo, Lotte teria uma visão mais ampla da condição do exílio.

Evidenciando os problemas em relação ao gênero, não mais na produção do século XX, e sim no XXI, o artigo “ ‘Como se Deus estivesse cuspiendo na gente’: O estigma da exclusão em *Amanhã, numa boa*”, de Davi Gonçalves e Kall Lyws Barroso Sales, nos apresenta o romance de 2006 de Faïza Guène, autora francesa de origem argelina. Nele, Doria, a protagonista descendente de marroquinos, narra a experiência de ser o indivíduo marginalizado em um ambiente multicultural. E a constatação de quanto essa situação é mais problemática para a mulher. A autora promove, por meio de uma linguagem coloquial, uma desromantização do discurso, apresentando estigmas de exclusão do sujeito (i)migrante nos quais sobrevivem a xenofobia, o racismo, o sexismo e a incompreensão na busca por uma inserção.

Em “As escritas de si – e do outro – na autobiografia americana de Dany Laferrière”, Mariane de Souza de Assis e Sandra Mara Stroparo analisam a produção do haitiano Dany Laferrière definida por ele como autobiografia americana. Os relatos de sua vida no Haiti até os 23 anos (ciclo haitiano) e de sua estada no Canadá e nos Estados Unidos como negro e migrante (ciclo americano) são permeados por situações ficcionais. O autor apresenta um narrador que se assemelha a ele mesmo, mas mescla suas memórias com situações puramente ficcionais, de modo que, ainda que se possa associar o narrador à pessoa do autor, não é possível determinar quais fatos foram vividos por Laferrière e quais o foram apenas por seu narrador. As autoras percebem que a obra se encontra em

uma fronteira tanto cultural quanto ficcional, pois explora o exílio, as relações interculturais e a multiterritorialidade, ao mesmo tempo em que se trata de noções como as de autor e narrador, biografia e ficção.

No artigo “Entre o norte e o sul. Duas experiências de migração em *Tempo de migrar para o norte*, de Tayeb Salih, Elizandra de Souza Pedro aborda o romance escrito pelo autor sudanês em 1966. Nele temos a narrativa de dois destinos transformados pela migração: a do narrador do romance e de Mustafa Said. A partir de experiências bastante distintas, são apresentadas consequências trágicas, tanto do ponto de vista da análise das personagens citadas, quanto para o entendimento do processo colonizador, que deixou cicatrizes profundas e devastadoras na colônia. É importante perceber que não se trata apenas de uma história sobre a migração de cada um e das consequências dela para a vida das personagens, mas do modo como o discurso colonialista se faz presente nas duas trajetórias. A narrativa ainda ilustra as consequências dessa migração para o destino da aldeia ao mostrar o personagem de Mahjub, que teve as mesmas oportunidades para migrar, mas decidiu permanecer e participar ativamente na vida da comunidade, tornando-se um líder e promovendo ações que estavam ao seu alcance para a coletividade.

Luíza Salgado Mazzola e Sheila Cristina dos Santos, em “Literatura e imprensa árabe: experiência migratória sírio-libanesa no Brasil”, apresentam a relação estabelecida entre o Brasil e o Oriente Médio no final do século XIX e início do XX, na produção literária dos imigrantes sírios e libaneses no Brasil. Uma das manifestações dessa cultura foi a produção de livros, revistas e jornais em árabe, ou em árabe e português, e esteve marcada pela experiência dupla do imigrante, que procurava ao mesmo tempo preservar a cultura de seu país de origem em meio a um ambiente cultural distinto e se adaptar à cultura na qual se encontrava imerso. Nesse esforço, tais intelectuais lançaram publicações variadas como uma forma de se reafirmar enquanto comunidade no Brasil e produziram um literatura de cunho diaspórico, distinta da árabe produzida no Oriente Médio e marcada por uma reformulação da identidade do sujeito sírio-libanês, em que se valoriza tanto o lugar de origem quanto a nova terra.

Com isso, encerramos o número temático “O discurso migrante na Literatura. Literatura e migração: a(s) língua(s) do migrante” e esta apresentação, desejando a todos uma excelente leitura e reflexão.

Referências

CORNEJO POLAR, A. “Una heterogeneidad no dialéctica: sujeto y discurso migrantes en el Perú moderno”. In: CORNEJO POLAR, A. **Crítica de la razón heterogénea: textos esenciales (I)**. Lima: Fondo Editorial de la Asamblea Nacional de Rectores, [1996] 2013, p. 97-109.

CUNHA, Roseli Barros. **Transculturação narrativa: seu percurso na obra de Ángel Rama**. São Paulo: Humanista/FAPESP, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka, por uma literatura menor**. Tradução Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, [1975] 1977.

RUIZ SÁNCHEZ, Ana. “Desterritorialización y literatura. Literaturas de exilio y migración en la era de la globalización”. **Migraciones y Exilios**, n. 6, 2005, p. 101-112.

RUIZ SÁNCHEZ, Ana. “La interacción lírica entre la lengua de escritura y lengua latente en la creación de un imaginario intercultural”. **Estudios filológicos alemanes**, n. 26, 2013, p. 479-488.

RUIZ SÁNCHEZ, Ana. “Literatura y multilingüismo: análisis de la lengua vivida (erlebte Sprache)”. **Revista de Filología Alemana**, n. 25, 2017, p. 59-78.